

Antonio Skármeta

**o dia em que
a poesia derrotou
um ditador**

Tradução de
Luís Carlos Cabral

2^a edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

A Roberto Parada Ritchie e família
A Manuel Guerrero e família
A Raúl Alarcón

Erano i giorni dell'arcobaleno,
finito l'inverno tornava il sereno.

NICOLA DI BARI

UM

Na quarta-feira prenderam o professor Santos. Nada incomum nos tempos atuais. Só que o professor Santos é meu pai.

No primeiro horário das quartas-feiras temos filosofia, depois ginástica e em seguida duas aulas de álgebra.

Quase sempre vamos juntos para o colégio. Ele prepara o café e eu frito ovos e ponho o pão na torradeira. Papai toma café bem forte e sem açúcar. O meu é com leite, meio a meio, e, embora também não use açúcar, giro a colherzinha na xícara como se o tivesse posto.

Este mês o tempo está ruim. Faz frio, cai uma chuva fina, e as pessoas protegem o nariz com seus cachecóis. Papai tem uma capa de chuva clara, bege, como a dos detetives dos filmes.

Eu coloco uma jaqueta preta de couro por cima do uniforme. As gotas resvalam no couro e não conseguem me molhar. Até o colégio são cinco quarteirões. Assim que saímos do elevador,

papai acende seu primeiro cigarro e vai fumando lentamente até a porta do liceu.

O cigarro dura exatamente até esse ponto; então ele o atira no chão e faz um gesto teatral para que eu esmague a guimba com o pé. Depois vai à sala dos professores pegar o diário de classe e, quando entra na nossa sala pergunta, onde estávamos da última vez.

Na última vez estávamos em Platão e no Mito da Caverna.

De acordo com Platão, nós homens vivemos como zumbis vendo na parede de uma caverna as coisas que acontecem, que não passam de sombras de coisas reais projetadas por uma fogueira contra o fundo. Esses homens, que nunca viram as coisas verdadeiras, acreditam que as sombras são coisas reais. Mas, se saíssem da caverna e vissem as coisas sob a luz do sol, se dariam conta de que tinham vivido num mundo de aparências e que aquilo que achavam ser verdadeiro não passava de pálido reflexo da realidade.

Antes de voltar a Platão, o professor Santos faz a chamada e, se algum aluno tiver faltado, põe um ponto vermelho ao lado do nome dele. Embora saiba muito bem que fomos juntos para o colégio, quando chega à letra “S”, diz “Salas” e depois “Santos”, e eu tenho de responder “Presente”. Meu pai alega que o acaso de eu ter caído em sua turma de filosofia não me exime de nenhuma das minhas responsabilidades, nem mesmo dessa coisa tão absurda que é responder à chamada. Diz que, se eu não estudar, por mais que seja seu filho, vai me fazer repetir de ano.

Eu gosto de filosofia, mas não gostaria de ser professor como papai, porque é preciso levantar cedo, fumar cigarros fortes e, ainda por cima, ganhar pouco.

Antes de começar a aula, meu pai limpa as lapelas, para o caso de ter caído um pouco de cinza. E depois dispara sua frase favo-

rita: “Por que há Ser, e não o Nada?” — E acrescenta: “Essa é a pergunta de um milhão de dólares. No fundo, essa é a única e grande pergunta da filosofia.”

A pergunta que me aflige nestes dias é que, se há Ser, tem de ter um sentido o fato de haver Ser, porque, se não houvesse um sentido, daria no mesmo se não houvesse Ser.

Minha namorada, Patricia Bettini, diz que o sentido do Ser é estar sendo e pronto, ou seja, sem finalidade de nenhum tipo. E me pede que não complique tanto as coisas e seja espontâneo. Ela é meio hippie.

Justamente na noite de terça-feira, antes de levarem papai preso, eu lhe contei o que Patricia Bettini pensava, e ele ficou indignado. Despejou sal na sopa duas vezes e depois a afastou, dizendo que não iria tomá-la porque estava salgada demais.

Liguei a televisão, mas a primeira imagem que apareceu foi de Pinochet beijando uma velhinha, e desliguei antes que papai visse.

Aproveitou para me dizer que não confiasse tanto em Patricia Bettini porque, se ela acha que o Ser é o que o Ser vai sendo e pronto, não entende uma coisa que nenhuma garota inteligente pode ignorar: que os homens têm consciência, os homens são o Ser e ao mesmo tempo pensam o Ser e, portanto, com seu pensamento podem dar sentido e direção ao Ser. Em síntese, estabelecer valores absolutos, aspirar a esses valores. Bem é bem. Justiça é justiça, e não pode haver uma justiça na medida do possível.

Segundo papai, o que importa é a ética: o que fazer com o Ser.

DOIS

Na tarde da quinta-feira, Adrián Bettini recebeu uma carta. Não havia sido trazida pelo carteiro do bairro, mas por dois funcionários jovens com distintivos de policiais embaixo da lapela, que tocaram brevemente a campainha e sorriram para a empregada, pedindo que entregasse pessoalmente a carta ao dono da casa. O jovem Nico Santos, que havia sido convidado para tomar chá, acompanhou a cena da sala de jantar e depois se deteve no olhar que Patricia Bettini lhe dirigiu quando o pai, com largas passadas informais, avançou resignado até a porta usando uma camisa de lã desbotada.

Depois de assinar o caderno que os jovens despreocupados lhe entregaram para que acusasse o recebimento do documento e de anotar o número de sua carteira de identidade nele, rasgou o envelope e mergulhou no conteúdo.

Como que adivinhando que a filha e Nico lhe perguntariam o que dizia a missiva, adiantou-se e disse que era uma intimação

do ministro do Interior para comparecer às dez horas da manhã do dia seguinte no edifício da sede de governo do general Pinochet.

Patricia Bettini não conseguiu evitar um sobressalto. O pai estivera duas vezes na prisão, e, em uma delas, uns brutamontes não identificados o haviam raptado e agredido até deixá-lo inconsciente.

O homem pediu à esposa Magdalena que se sentasse com eles à mesa do chá e, depois de agitar demoradamente a colherzinha na xícara, confessou que hesitava entre ir no dia seguinte ao encontro com o ditador ou já aprontar depressa uma malinha e se esconder por alguns dias em casas de amigos.

Patricia Bettini recomendou que se escondesse.

A esposa recomendou que fosse ao encontro. Era melhor enfrentar as coisas do que passar a vida escondido.

Nico Santos colocou um pouco de pasta de abacate em sua torrada e espalhou-a com a faca. O silêncio era tal que esse ínfimo movimento sobre o pão lhe pareceu estridente.

TRÊS

E então acontece que na quarta-feira estávamos no Mito da Caverna quando entraram dois homens de cabelo curto, bem barbeados, e disseram a papai que os acompanhasse.

Meu pai olhou para a cadeira na qual deixara a capa de chuva, e um dos homens lhe disse que a levasse com ele. Meu pai pegou-a e não olhou para mim.

Ou melhor, não sei como explicar, mas olhou para mim sem me olhar.

E era estranho, porque, quando os dois homens levaram papai, todos os garotos da classe estavam me olhando.

Sem dúvida pensavam que eu estava com medo. Ou achavam que eu deveria ter pulado sobre os homens e tê-los atacado, impedindo que levassem meu pai.

Mas eu e o professor Santos havíamos previsto essa situação.

Até lhe tínhamos dado o nome de um silogismo. Chamávamos de situação “Baroco”: se agarrassem papai diante de testemunhas, significava que não poderiam desaparecer com ele como faziam com outras pessoas, que enfiavam num saco com pedras e atiravam de um helicóptero no mar. Na classe somos trinta e cinco alunos e todos vimos com nossos próprios olhos que levaram papai. Ele disse que era uma situação ótima, porque é certo que não vão matá-lo. Nesse caso, está protegido pelas testemunhas.

De acordo com o plano “Baroco”, quando prenderem papai, preciso fazer duas ligações telefônicas para uns números que sei de cor, mas não conheço o nome das pessoas. Depois preciso levar uma vida absolutamente normal, vir para casa, jogar futebol, ir ao cinema com Patricia Bettini, não faltar às aulas, e no fim do mês ir à tesouraria pegar o cheque do seu ordenado.

Por isso, quando levaram o professor Santos, comecei a desenhar círculos numa folha de caderno, enquanto sentia a teia de silêncio crescer ao meu redor. Sem dúvida meus colegas achavam que eu era um covarde e que, por puro instinto, deveria ter reagido e defendido meu velho.

Mas é que papai me disse cem vezes que não tem medo de nada, a não ser de que alguma coisa aconteça comigo.

E aqui todos sabem que um menino de dezessete anos desapareceu há meses e não voltou até hoje.

Tenho de suportar esses olhares porque não posso explicar aos colegas de classe que estou pondo em prática o silogismo “Baroco”.

Se meu pai tivesse desaparecido sem que houvesse testemunhas, então estaríamos enfrentando o silogismo “Bárbaro”, e eu talvez tivesse morrido de dor.

Depois que levaram o professor Santos, o inspetor Riquelme entrou na sala e nos deu um exercício de análise de texto.

E quando finalmente chegou a hora do recreio, fui para o banheiro. Não queria falar com ninguém. Não queria que ninguém falasse comigo.